

Questão 1

Os autores na ciência geográfica que estabeleceram uma reflexão acerca do processo de evolução do meio técnico-científico-informacional correlacionado ao território são diversos, com contribuições que por ora se alinham e por ora se contrapõem, mas que enriquecem a temática. Vamos elencar os autores que têm se colocado com maior expressividade no meio acadêmico geográfico tanto brasileiro quanto internacional.

O geógrafo David Harvey em seu livro "Condições pós-modernas" faz uma reflexão acerca da temática permeando os diferentes momentos sócioeconômicos vivenciados pela sociedade mundial. Sendo assim, o autor estabelece uma relação com o processo de evolução técnica, no que tange sobretudo o setor industrial, pois a partir das diferentes demandas do momento da escala de produção, levará em alterações na configuração dos espaços físicos, tal como do espaço urbano, assim como na configuração das relações de trabalho e sociais no que tange questões culturais, ambientais e econômicas. Harvey então subdivide as relações socioeconômicas em três momentos:



Taylorismo fordista e pós-fordismo. Me debruçando sobre o "meio" técnico-científico-informacional, para Harvey esse seria o momento pós-fordista utópico iniciado pela sociedade mundial, no qual a palavra que vai ser o ditame econômico e social é a flexibilidade. Para Harvey, o momento pós-fordista é o de contemporaneidade, surgindo a sociedade a partir do decada de 1970, implicando aos Estados a tendência a adoção do modelo neoliberal que abarca em um processo de desregulamentação econômica, dando protagonismo às corporações transnacionais que necessitam a atuação nos territórios nacionais de uma estrutura técnica que permita por em prática o modelo de produção tido como "just-in-time", que para tal se articula em rede por meio dos espaços físicos de produção. Portanto, o suporte informacional faz-se primordial a premissa da compressão espaço-tempo e articulação do modelo pós-fordista, que busca flexibilidade em diversas frentes, no que tange as relações de trabalho: as leis trabalhistas tendem a ser voltadas às necessidades das corporações, ou seja, o trabalhador necessita de enquadrar em um modelo empresarial que exige por valência, o trabalhador tem que estar apto a desempenhar diversas funções e não estar apegado a uma visão de estabilidade, mas sim disposto aos novos desafios.

A produção industrial flexível opera de um estado neoliberal abertura a atuação em seu território, portanto, as legislações não tendem a ser rígidas no que se refere relações de trabalho, encargos fiscais, questões ambientais. A sociedade do consumo deixou no passado a padronização, requerendo uma produção que se adapte aos diferentes nichos, gostos, perfis de consumidores. Harvey tem o contraponto de que essa lógica é induzida por meio do sistema de comunicação, através do "marketing" e propaganda. A sociedade é moldada por lógicas supracriacionais ditas como globais e democráticas, sem muitas vezes tomar consciência de tal processo.

Outros autores enriquecem e contribuem à temática com perspectivas que por ora se alinham. Milton Santos, por exemplo, foi um autor que se debruçou em diversos momentos acerca da temática, seus livros "Por uma outra globalização" e "Natureza do espaço" promovem com diferentes abordagens e profundidades uma reflexão acerca da temática. Nessas obras, em especial, Santos delinea a formação do espaço geográfico pelo imperativo da técnica, que de acordo com o autor promove a contínua evolução essa nova etapa na história da sociedade. Inclusive, desde a existência do homem na Terra, as configurações espaciais foram sofrendo rearranjos lentamente moldadas pela evolução

técnica. Kuy Morina e Rogério Haerbaert
são outros autores que consideram
de suma pertinência acerca do embate te-
órico sobre o meio técnico-científico-in-
formacional. Mais uma vez reitero que
cada autor implica em visões que dialogam
em alguns momentos, as quais buscarei
explicitar.

Santos por exemplo, coloca a 2ª Guerra
mundial como o divisor de águas para
a configuração, sobretudo do meio informa-
cional, permitindo a eclosão do processo
de globalização a partir da formação
do ^{1º} um tecnodromo, o qual promove a
cientificação e tecnificação da paisagem.
Haerbaert assim como Harvey colocam a
década de 1970 como o marco da globa-
lização, uma vez que o capital especu-
lativo financeiro se estruturou com a
atração das corporações transnacio-
nais que fortaleceram os países centrais
tidos como pensantes e produtores/exporta-
dores de inovações tecnológicas, as quais
se fortalecem em rede pelo ^{2º} espaço.
Morina está em consonância com os
demais autores ao afirmar que a 3ª Re-
volução industrial representa a co-
nexão em rede do espaço mundial
e elenca a biorevolução como nor-
teadora desse momento técnico da so-
ciedade moderna regida pela meca-
nicidade e busca empreender a
lógica aglutinante no espaço geográfico.

Todos autores aqui citados destacam que a sociedade desse momento técnico-científico-informacional é amalgamada à lógica do fetiche da mercadoria, caracterizando o que se chama de sociedade do consumo. Assim como nos atentam que a globalização abarca processos antagônicos que se complementam: homogeneização e fragmentação.

Questão 2

Tomando como norte os processos de homogeneização e fragmentação a reflexão acerca da emergência de novas territorialidades em escala global diante do meio técnico-científico-informacional. Assim como trago autores que auxiliaram na reflexão acerca da temática, sendo: David Harvey, Milton Santos, Rogerio Harberber, Rui Moura e Jurandir Loss.

Segundo Moura, a sociedade é formada pela técnica, e, na configuração atual a globalização/mundialização se consolida com a 3ª revolução industrial e a era da informação, sobretudo com advento da informática, que permitiu a conexão mundial em rede. Mas, as ressalvas dessa afirmativa são várias, começando pela falsa ideia de que a globalização é um processo recente, na realidade nos atemos ao seu estopim quando a evolução técnica no meio informacional implica em um desarranjo

do espaço, economia e sociedade mundial.

Santos afirma que a premissa de uma aldeia global é uma fábula, assim como Haesbaert afirma ser um mito a homogeneização cultural. As corporações transnacionais representam a dicotomia existente no binômio homogeneização-fragmentação, uma vez que partem da premissa de que o neoliberalismo promove a ascensão de um livre mercado que prima pela competitividade, assim necessita de atuação sem fronteiras e a atuação de um Estado que para Santos tornou-se sob as corporações, pois como Haesbaert destaca e chamado para atuar em determinados momentos, de seq. de interesse da lógica hegemônica das corporações. Haesbaert afirma que estamos numa ordem mundial que fragmenta e globaliza, para ele é o debate do fim das fronteiras em diferentes mentes: do pensamento das instituições e dos territórios.

Santos afirma que as transnacionais atuam em rede global mas de forma fragmentada nos espaços, primam pela unicidade planetária nos tempos mecânico e líquido. Ross afirma que essas corporações se sustentam a partir de um bupe plantado na mundialização, multinacionalização e internacionalização. Elas se articulam em rede formando oligopolios, os quais vão contra a lógica do livre mercado competitivo.

Haesbaert nos alerta que a fragmentação pode ser integradora quando observamos a formação de blocos econômicos, ou seja, países se unindo para competir no mercado mundial, a DIT (Diversão Internacional do Trabalho) se sustenta em uma configuração de trabalhadores ligados de seus territórios, mas que podem circular pela rede global das corporações, assim como a integração tecnológica entre os países, sobretudo aos centrais/periféricos. Ao mesmo tempo pode ser desintegradora pois é uma fábula como diz Santos acreditar que a compressão espaço-tempo elencada por Harvey promove um acesso democrático aos meios de consumo, pois Haesbaert reafirma que há o agravamento das desigualdades e da exclusão às inovações trazidas com a globalização. Santos afirma que vivemos uma diversidade sistêmica exigida por um impulso produtivo que é apátrida e extraterritorial.

Há um conceito de uma cidadania planetária para Haesbaert que segundo Santos se sustenta por meio de uma tecnosfera que propaga a ideia de um consumo global por meio da atuação das corporações, a presença que idealiza a existência de uma aldeia global, mas que se materializa em nichos globais.

Haesbaert afirma que todo processo de desterritorialização está ligado à uma territorialização. Ele elenca alguns ~~ex~~ exemplos, tais como as epidemias.

A fragmentação pode ocorrer através da atuação do ~~o~~ Estado em seu território nacional, tanto social quanto economicamente, formando zonas, vide a China que promove forte controle à sua sociedade politicamente, mas em contraponto se integra à rede global de produção.

Questão 3

É pertinente traçar um panorama da organização do meio técnico-científico-informacional brasileiro atrelado ao contexto mundial, de maneira que consigamos compreender as desigualdades socioambientais existentes no território.

O Brasil é um país tido como de industrialização tardia, por seu processo de estruturação do meio técnico-científico destrinçou após 1930, a partir da política de Getúlio Vargas de investir nas indústrias de base para organizar o espaço industrial e econômico do Brasil. Posteriormente, no final dos anos 1950, Juscelino Kubitschek deu prosseguimento à estruturação, com política de internacionalização da economia, diferentemente de Vargas que priorizou a nacionalização. Deste contexto é válido destacar que houve uma evolução das modalidades de transporte por passando do ferroviário, rodoviário ao rodoviário. A rede urbana se estruturou em função da região sudeste que acabou por concentrar inspiração na égide fordista

a população, a economia, os centros de produção científica, entre outros itens.

Portanto, a evolução técnica vertiginosa pelo Brasil ocorreu de forma fragmentada em seu território nacional, o que acarretou em um meio técnico-científico-informacional desigual expondo sua sociedade à vulnerabilidades, tendo em vista que lógicas hegemônicas atuam verticalmente sobre horizontalidades articuladas diferencialmente em seu território.

A lógica neoliberal abarca a política estatal de forma mais evidente e expressiva a partir da década de 1990. A proposição de um Estado que sai do protagonismo é incorporada com as políticas de desregulamentação, tais como: privatização de empresas estatais, as quais viraram sinônimo de fracasso, atraso e improdutividade.

Lógica congruente com a atuação das corporações transnacionais oriundas dos países centrais que se colocam na Divisão Internacional do Trabalho como pensantes e exportadoras de tecnologias e inovações. Tais corporações passaram a ser sinônimo de modernidade, eficiência e progresso. Importante destacar que a atuação das transnacionais ocorreria mediante uma estruturação do espaço nacional permitindo que os fluxos materiais (pessoas, mercadorias, meios de transportes, etc) e imateriais (informação, dados, etc) estivessem articulados aos fixos (sedes industriais, universidades, comércios, centros de exportação, aeroportos, etc).

Dessa forma foi necessário deixar no passado a antiga estruturação da economia em arquipélagos. O Brasil para se inserir na rede de alta escala global atua de forma fragmentada em seu território, segundo Pansera, formando zonas integradas ao fluxo global de produção, ao mesmo tempo em formava zonas desintegradas. Essas tais zonas podem ser observadas em uma escala nacional a partir das regiões, ou também podem ser observadas em nível do espaço urbano citadino.

A organização do trabalho inseriu as terceirizações nas empresas, seguindo o ditame suscitado por Harvey de flexibilidade. A inserção de novas tecnologias no setor produtivo consequentemente aumentou a margem dos excluídos por meio do desemprego estrutural. Diversas empresas nacionais não conseguiram ser competitivas frente as transnacionais que se fortalecem em oligopólios e iludem o consumidor por meio da cartelização.

A lógica de aglutinação apontada por Moura (2016) pode ser visualizada no espaço agrário brasileiro que foi aberto às corporações transnacionais através dos complexos agroindustriais (CAI's), eles corporificam espacialmente a atuação de empresas que articulam em rede o fornecimento de suporte à atividade agroindustrial à montante com o fornecimento de maquinários e insu-

mes, por exemplo. Assim como o fusante tem a transformação do produto agrícola em industrial. O sistema de produção integrado é o just-in-time e o perfil de contratação de mão-de-obra é pautada na flexibilidade.

O Estado-mínimo se fortalece com a fragilidade de até mesmo ausência de legislações ambientais e trabalhistas. Como apud Santos, o Estado viveu sob as corporações, a sociedade nem o Estado comandam a engenharia, mas sim são moldados aos ditames do capital financeiro. O Brasil buscou inserir-se no sistema capitalista globalizado baseando-se na fábula de uma cidadania universal e de acesso a rede, através da disseminação de um plano de ideias (psicosfera para Santos) de convergência ao consumo guiado pelo fetiche da mercaderia. Conforme apud Santos, as ações globalizadoras necessitam de ações de governo para se consolidar no território. Já as transnacionais atuam no território nacional mediante a permissividade do Estado brasileiro.